

**TRABALHO DE CAMPO NA GEOGRAFIA DE MUNICÍPIOS
MINEIROS E PAULISTAS: OLHAR E RELATO ACADÊMICO****FIELD WORK IN THE GEOGRAPHY OF MINEIROS AND
PAULISTAS MUNICIPALITIES: AN ACADEMIC LOOK AND
REPORT****TRABAJO DE CAMPO EN LA GEOGRAFÍA DE LOS
MUNICIPIOS DE MINAS GERAIS Y SÃO PAULO: MIRADA E
INFORME ACADÉMICO**

23

JOSÉ NOVAIS DE JESUS

Docente da UEG – Universidade Estadual de Goiás,
Campus Quirinópolis (GO)
novaisdejesus@yahoo.com.br

EDEVALDO APARECIDO SOUZA

Docente da UEG – Universidade Estadual de Goiás,
Campus Quirinópolis (GO)
ediueg@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo central suscitar uma discussão preliminar acerca da atividade empírica realizada em agosto do ano de 2011 em paisagens urbanas e rurais de municípios como Peirópolis/Uberaba, Sacramento, Rifaina e Igaçaba/Pedregulho nos Estados de Minas Gerais e São Paulo, abordando o conhecimento a partir da realidade observada, analisada e contextualizada no tempo e no espaço. Nesse contexto, pode-se afirmar que o trabalho de campo é o procedimento que possibilita os Geógrafos, entre outros registrarem sua compreensão sobre a área de estudo. Neste processo de construção do trabalho, o levantamento bibliográfico foi fundamental para a construção deste artigo. Entre os autores que aparecem nas referências e suas relevantes contribuições, estão: Santos (1999), Schaffer (1999), Santos (2010), Veloso (2007), Feltran Filho e Leoni Massochini (2010), Brito (2001) e Guerra (1978). Entre os resultados apresentados têm-se a caracterização do trajeto percorrido.

Palavras-chave: Pedregulho - SP; Sacramento - MG; Peirópolis - MG; Lugares Pesquisados.

Abstract: The main objective of this article is to raise a preliminary discussion about the empirical activity carried out in August 2011 in urban and rural landscapes in cities such as Peirópolis / Uberaba, Sacramento, Rifaina and Igaçaba / Pedregulho in the States of Minas Gerais and São Paulo, approaching knowledge from the observed reality, analyzed and contextualized in time and space. In this context, it can be said that fieldwork is the procedure that makes it possible for Geographers, among others, to register their understanding of the study area. In this process of construction of the work, the bibliographic survey was fundamental for the construction of this article. Among the authors that appear in the references and their relevant contributions, are: Santos (1999), Schaffer (1999), Santos (2010), Veloso (2007), Feltran Filho and Leoni Massochini (2010), Brito (2001) and Guerra (1978). Among the results presented there is the characterization of the path traveled.

Keywords: Pedregulho - SP; Sacramento - MG; Peirópolis - MG; Researched Places.

Resumen: El objetivo principal de este artículo es provocar una discusión preliminar sobre la actividad empírica realizada en agosto de 2011 en los paisajes urbanos y rurales de ciudades como Peirópolis/Uberaba, Sacramento, Rifaina e Igaçaba/Pedregulho en los estados de Minas Gerais y São Paulo, abordando el conocimiento a partir de la realidad observada, analizada y contextualizada en el tiempo y el espacio. En este contexto, se puede afirmar que el trabajo de campo es el procedimiento que permite a los geógrafos, entre otros, registrar su comprensión del área de estudio. En este proceso de

construcción de la obra, la investigación bibliográfica fue fundamental para la construcción de este artículo. Entre los autores que aparecen en las referencias y sus contribuciones relevantes se encuentran: Santos (1999), Schaffer (1999), Santos (2010), Veloso (2007), Feltran Filho y Leoni Massochini (2010), Brito (2001) y Guerra (1978). Entre los resultados presentados se encuentra la caracterización del camino recorrido.

Palabras-clave: Pedregulho - SP; Sacramento - MG; Peirópolis - MG; Lugares Pesquisares.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo central suscitar uma discussão acerca da atividade empírica realizada em agosto do ano de 2011 em paisagens urbanas e rurais de municípios como Peirópolis / Uberaba, Sacramento, Rifaina e Igaçaba / Pedregulho nos Estados de Minas Gerais e São Paulo, abordando o conhecimento a partir da realidade observada, analisada e contextualizada no tempo e espaço. Pois se sabe que o trabalho de campo é um momento importante de inserção do pesquisador nos “conjuntos de lugares” e regiões de pesquisa. Esse é considerado como o trabalho empírico relevante, pois viabiliza o diálogo do investigador, no campo, com a espacialidade real.

Colocando em jogo não “somente a produção de conhecimento no sentido clássico do termo”, mas também a “relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado, observador e observado (SANTOS, 1999, p.121)”, que é troca de conhecimento acerca do ensino de Geografia. Nesse contexto, as palavras de Santos são relevantes, pois sublinha que:

[...] o trabalho de campo, vai além da coleta de dados para o desenvolvimento de uma pesquisa comprometida com a realidade das populações, visto que será também um esforço acurado do pesquisador em lapidar esse diamante, que é a memória das populações em relação ao vivido. Esses procedimentos exigirão dos pesquisadores um respeito radical pelos modos de sentir, pensar e agir e reagir do outro (SANTOS, 1999, p.117).

A literatura citada destaca ainda que, a partir da memória e do gênero de vida das populações pesquisadas, pode-se extrair e lapidar os elementos que permitam compreender com profundidade os sentimentos e as experiências que tornaram possível a vida das pessoas no lugar, se adaptando e apropriando dos elementos físicos da paisagem. Esse procedimento permite os professores e acadêmicos analisarem as transformações do espaço, paisagens, territórios e a conservação ou destruição desses elementos naturais nos lugares.

O trabalho de campo é o procedimento que possibilita os Geógrafos, entre outros registrarem sua compreensão sobre a área de estudo e essa presença nos lugares é

também uma “oportunidade de melhorar a percepção e compreensão das diversas manifestações que ocorrem no espaço” (SANTOS, 2010, p. 30), fundamentais para vivenciar as implicações relativas aos aspectos físicos naturais e humanos.

Portanto, pode-se dizer que o referido trabalho utiliza os métodos “analíticos” e de “estudo de caso”, pois entende-se que existe uma relação próxima entre eles. Sendo assim, inicialmente, é possível destacar as palavras de Boaventura (2007, p. 55) ao afirmar que se “o estudo é do presente, pode-se utilizar o estudo de caso”. Neste processo de construção do trabalho, o levantamento bibliográfico foi fundamental para a finalização deste artigo.

Entre os autores que aparecem nas referências e suas relevantes contribuições, estão: Santos (1999), Schaffer (1999), Santos (2010), Veloso (2007), Feltran Filho e Leoni Massochini (2010), Brito (2001) e Guerra (1978). Pode-se dizer que eles abordam importantes conceitos, mas que estes não serão esgotados neste artigo.

Outro ponto fundamental para a construção deste trabalho escrito foi a obtenção do material fotográfico e a nossa presença na atividade empírica, realizada entre os dias 13 e 15 de agosto de 2011. Momento esses que contou com a presença de ¹professores do curso de Geografia da UEG/Quirinópolis e acadêmicos das quatro turmas, ou seja, do primeiro ao quarto ano.

Trabalho de campo: conceitos e discussões acerca do conhecimento geográfico

Inicialmente, pode-se dizer que o desenvolvimento de trabalhos de campo por parte de professores de Geografia e de outras áreas do saber científico dos ensinos fundamental, médio e superior, são importantes para a aprendizagem e permitem uma oportunidade “de construir o conhecimento a partir da realidade observada (SCHAFFER, 1999, p.84)”.

De acordo com Braga (2011, p.134-135), o trabalho de campo compõe as estratégias para a produção do conhecimento geográfico desde o seu nascedouro, em meados do século XIX. Como nas práticas escolares e/ou acadêmicas, o mesmo foi apropriado por quase todas as concepções de ensino ou de ciência, com destaque para as

¹ Os professores organizadores do campo foram: Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos, Prof. Dr. Edevaldo Aparecido Souza e Prof. Ms. José Novais de Jesus, ambos da UEG – Universidade Estadual de Goiás, campus Quirinópolis (GO).

correntes empiristas. Veloso (2007, p.17) define o trabalho de campo como visita técnica que, é, com certeza, o melhor ensinamento teórico e prático. E que:

A aparelhagem para a realização da visita técnica deve se basear no empirismo e na racional (real) conjuntamente, ou seja, no que é visível e formal e no que contado e certificado (demonstrado, legítimo). Como o próprio termo diz: Visita (Vistoria, inspeção, ato ou efeito de visitar, de ver, por dever, por interesse ou por curiosidade) e Técnica (maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo), mostra, dessa maneira, a presença científica a o mesmo tempo “processual e providencial” do conhecimento de determinado produto para estudos, curiosidade ou até de valorização pessoal (VELOSO, 2007, p.17).

Para o referido autor, o ato da visita técnica deve se basear no aprofundamento do conhecimento do objeto anteposto para estudo, análise e avaliação. Santos *et al*, escrevem que um estudo da observação de paisagens por meio da percepção fundamenta-se, essencialmente em como cada indivíduo percebe, reage e responde à sua interação em relação aos elementos do ambiente. Neste sentido, “as respostas ou manifestações dos observadores são resultantes de percepções, de processos cognitivos, interesses e motivações individuais (SANTOS *et al.*, 2010, p.77)”.

Marques (2011, p.24) destaca que o trabalho *in loco*, além de enriquecer a pesquisa com material ilustrativo e fontes primárias, permite ler a paisagem, especializar a investigação e decifrar/desvendar a problemática, desenvolvendo o trabalho e buscando respostas aos questionamentos levantados. Em alguns momentos do campo, o inesperado se impõe, fazendo nos reavaliar o cenário posto, superando as barreiras da observação. De acordo com Moura e Silva (2009), o preparo do trabalho de campo exige:

[...] um esforço alargado e apresenta desafios especiais para o professor e universidade, fazendo-se necessário o planejamento, a sensibilização dos graduandos envolvidos, bem como as providências materiais (GPS, máquinas fotográficas, cadernos de campo, entre outros), contatos com hotéis, restaurantes e guias, e finalmente a produção de roteiros com as atividades a serem desenvolvidas (MOURA; SILVA, 2009, p. 09-10).

Esta obra ainda destaca que a pesquisa empírica deverá garantir abordagens interpretativas da realidade visualizada, seja ele um campo local, regional ou nacional. Na geografia, Moura e Silva definem a investigação de campo, como excursões de campo, que são “[...] pesquisas que têm apresentado contribuições para o entendimento das relações sócio-espaciais produzidas pelo segmento e, com isso, uma melhor forma de uso do solo, do meio ambiente e dos diversos recursos humanos (MOURA; SILVA,

2009, p.16)”. Para Oliveira e Bueno (2009) a leitura das paisagens com potencialidades voltadas para os trabalhos de campo são importantes:

[...] para estudantes de Turismo, Geografia, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Técnico e diversas áreas do saber, pois comporta uma multiplicidade de ações e práticas educativas, que tanto pode se dar no âmbito da própria área como na interação com outras, como é o caso da Geografia com a Biologia, Literatura, Arquitetura e outras que trabalham as diferentes paisagens (OLIVEIRA; BUENO, 2009, p.49).

Braga (2011, p. 134), expõem em sua obra que a consciência da necessidade de superar o dualismo e/ou rupturas situados na Geografia escolar coloca a inquietante exigência de construir e/ou adequar estratégias pedagógicas que possibilitem sua efetivação. Contudo, essa é uma hercúlea tarefa, uma vez que não existe uma alternativa pedagógica aplicável a todo o contexto de ensino e a própria ciência geográfica. Nesse contexto, o trabalho de campo pode ser:

[...] uma estratégia pedagógica eficaz e eficiente para uma transformação qualitativa da Geografia Escolar. Para que isso aconteça, ele deve propiciar uma rica interação dos saberes dos alunos com os saberes científicos. A observação e a coleta de dados no campo devem ultrapassar o empirismo por meio de uma sistematização e articulação de diálogos entre os conhecimentos tratados durante toda a experiência (BRAGA, 2011, p.136).

Neste viés, a autora reforça que o reconhecimento da alteridade do conhecimento escolar em relação aos saberes científicos sugere uma alteração qualitativa das interações entre esses saberes e os sujeitos participantes do trabalho de campo, superando os dualismos hoje existentes na prática da Geografia Escolar, assumindo uma postura social diferenciada.

Finalizando essa abordagem, faz-se necessário destacar, que essa discussão conceitual está longe de se esgotar na pesquisa geográfica, pois são imensos os trabalhos produzidos por geógrafos e não geógrafos. Levando-nos a eleger apenas alguns conceitos e reflexões que estão expostos nas obras e literaturas com vertentes voltadas para a geografia.

Lugares e paisagens pesquisadas e visitadas

Durante o trabalho de campo do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG/Quirinópolis) em territórios mineiros e paulistas, o primeiro lugar visitado foi o distrito de Peirópolis no município de Uberaba (Minas Gerais). Este se destaca pelas pesquisas paleontológicas, que segundo Guerra (1978) a Paleontologia:

[...] é a ciência que estuda os seres vivos que existiram nos diferentes períodos da história física da Terra. Esta ciência é uma auxiliar muito importante da geohistória. Graças a ela, pode-se datar com segurança a idade das diferentes camadas da crosta terrestre; as mais antigas se encontram, normalmente, sob as mais recentes (TEIXEIRA, 1978, p.312).

No trabalho *in loco*, foi observado que geologicamente a região de Peirópolis é caracterizada por uma sucessão de camadas de rochas que foram se sobrepondo através do acúmulo de sedimentos no decorrer do tempo geológico. Nestes estratos ficaram registrados um pouco da história paleoambiental do Triângulo Mineiro, fornecendo dados sobre o clima, hidrografia, relevo, ambiente geológico de sedimentação além é claro de restos e vestígios da fauna e parte da flora que compunham a região de Uberaba a cerca de 70 milhões de anos atrás.

As camadas rochosas dessa paisagem são divididas em dois Grupos. O Grupo São Bento dividido nas Formações Botucatu e Serra Geral, e o Grupo Bauru, que por sua vez subdivide-se nas Formações Uberaba e Marília (figura 1).

De acordo com Brito (2001) essas formas são assim caracterizadas pela Formação Botucatu, que é composta de arenitos de coloração que varia do cinza avermelhado ao vermelho, a deposição desses arenitos está associada a um transporte eólico em clima árido a semiárido representando um campo de dunas em um deserto. A Formação Serra Geral que está constituída de basaltos que correspondem a derrames de lavas. Nestas rochas vulcânicas podem ser encontradas lentes de arenito intercaladas, configurando uma série de derrames distintos.

A Formação Uberaba situada na base do Grupo Bauru que é caracterizada pela ocorrência de arenitos verdes associados a depósitos fluviais sendo raro se encontrar fósseis, mesmo dentro da cidade de Uberaba. A Formação Marília que é a mais importante no que tange a ocorrência de fósseis, principalmente em seu membro Serra da Galga (topo) que é representado por consideráveis espessuras de arenitos, conglomerados e lamitos. (BRITO, 2001).

Outro ponto visitado em Peirópolis foi o Centro de Pesquisas Paleontológicas "Llewellyn Ivor Price", o único no Brasil a manter escavações contínuas e sistemáticas durante um período de mais ou menos cinco meses anualmente. Este trabalho tem sido realizado nos últimos anos, de junho a novembro quando a rocha apresenta-se mais seca, pois no verão as chuvas inviabilizam tal processo. Este método consiste no desmonte de rochas utilizando-se ponteiros grandes nas áreas menos ricas e ponteiros

pequenos (delicados) nas áreas mais promissoras e assim vão se abrindo bancadas ao longo das camadas de rochas do sítio paleontológico.

Figura 1: Coluna litoestratigráfica da região Peirópolis / Uberaba.



Fonte: Centro de Pesquisas Paleontológicas "Llewellyn Ivor Price".

Um outro método também utilizado é o "screenwashing", que consiste em lavar a rocha numa série de peneiras para posterior separação dos elementos fósseis dos sedimentos. Esse método tem a vantagem de poder ser utilizado durante o ano todo e possibilita achar fósseis bastante pequenos com tanto ou maior valor científico do que os achados de grande tamanho.

Durante o trabalho de campo, foi possível observar que com o surgimento do Museu e Centro de Pesquisas Paleontológicas "Llewellyn Ivor Price", neste bairro rural distante 20 km do centro da cidade de Uberaba, outros serviços foram surgindo para atender visitantes, pesquisadores e estudantes. Entre os estabelecimentos comerciais estão: uma pousada, restaurantes, lojas de doces, artesanatos e diversos produtos locais. Outros atrativos como a arquitetura da antiga estação da Ferrovia Mogiana, o prédio da Rede Nacional de Paleontologia, o retiro Terramour, Spa Harambé e a fazenda Santa Fé compõem a paisagem.

O segundo lugar visitado foi o município de Sacramento (Minas Gerais), localizado a uma latitude de 19°51'55" sul e a uma longitude 47°26'24" oeste, na região do Alto Paranaíba mineiro, com uma área de 3.080,44 km². Nessa paisagem encontra-se o Parque Nacional da Serra da Canastra, que abriga a nascente do Rio São Francisco. Durante os trajetos percorridos no trabalho de campo, foi observada no município a Geomorfologia Canastra, formada por quartzitos com uma vegetação de campos, campos rupestres e florestas características do Bioma Cerrado.

No perímetro urbano foi visitado o Museu Histórico de Sacramento, com destaque para seu acervo histórico e cultural, destacando a criação da cidade e distrito de Desemboque, comunidade que funcionou como entreposto de Bandeirantes e aventureiros que chegaram aos territórios do Centro Oeste brasileiro, favorecendo o surgimento de vários povoados no Estado de Goiás. Outro ponto pesquisado foi a antiga estação de Bondes com sua arquitetura em estilo alemão, inaugurada em 1913. No lado esquerdo desse prédio encontra-se um ponto de venda de produtos locais: artesanato, licores, doces, crochês, bordados e variados produtos da sociedade sacramentana.

Entre as observações, não podemos deixar de citar os casarões urbanos que se destacam na paisagem, entre eles a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Patrocínio do Santíssimo Sacramento. Distante dez quilômetros da cidade, ou seja, na zona rural está o Parque Municipal da Gruta Palhares, com sua gruta em Arenito Botucatu, formação geológica abundante na região. São mais de vinte salões, porém por questões de segurança a visitação só é permitida nos dois primeiros. À frente da gruta existem instalações para o uso público, com piscinas para lazer, restaurantes, bar, lanchonete, sorveteria, vestuário e tanques com peixes ornamentais.

O terceiro lugar visitado, foi o rio Grande no município de Rifaina na divisa dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. A cidade está a uma latitude de 20°04'50" sul e a uma longitude 47°25'17" oeste, estando a uma altitude de 575 metros. Por estar a margem do rio Grande, são intensas as atividades de lazer e turismo, destacando-se na paisagem as segundas residências, os esportes náuticos e a pesca. O que chama a atenção nos pouco mais de trinta quilômetros do trajeto percorrido (Pela rodovia paulista Cândido Portinari) entre Rifaina e Pedregulo é a brusca mudança de altitude, saindo de 575 metros e chegando a 1035 metros.

O quarto lugar pesquisado foi o município de Pedregulho, a uma latitude de 20°15'25" sul e a uma longitude de 47°28'36" oeste, estando a uma altitude de 1035

metros. Nessa cidade foram visitados os seguintes lugares: o Monumento de Homenagem aos Bandeirantes na avenida Orestes Quércia, o Centro Cultural e o Monumento em Homenagem a Cafeicultura (tradição agrícola ainda existente no município) na Praça Octávio Quércia. O Centro Cultural apropriou do antigo prédio da Estação Ferroviária da Mogiana, onde observa-se, ainda, os antigos trilhos e que hoje se misturam ao concreto e asfalto urbano.

As heranças do patrimônio edificado das antigas Estações da Ferrovia Mogiana, estão presentes em todos os lugares visitados. Pode-se dizer que ela simboliza a modernização de áureos períodos do século XX e com sua desativação áreas urbanizadas como o distrito de ²Igaçaba (Pedregulho/SP) entram em decadência, assumindo uma identidade que mistura traços rurais e urbanos.

Considerações Finais

É fundamental lembrar que a presença do pesquisador, nos lugares, permite a obtenção de imagens fotográficas que são fundamentais na construção de um banco de documentos para ilustrar e enriquecer as informações inerentes aos lugares investigados. O trabalho de campo é uma vivência capaz de oportunizar o confronto concreto e simultâneo da teoria e da prática, lembrando que para todas as atividades empíricas é importante pedir aos alunos, um trabalho final, em forma de relatório ou redação dependendo do objetivo a ser atingido. Esse trabalho final é fundamental até mesmo para avaliar o grau de satisfação do grupo e buscar a evolução educativa para as próximas saídas do ambiente físico escolar.

Particularidades físicas de paisagens cerradeiras, promovem transformações no modo de vida dos lugares e grupos sociais, principalmente nos ambientes das pequenas cidades, comunidades tradicionais e de propriedades rurais envolvidas, pois atraem pessoas com interesses específicos (pesquisadores, estudantes e visitantes) que passam a frequentar o ambiente local, modificando a rotina dos lugares, por meio de infraestruturas e serviços antes inexistentes.

Nesse contexto, é mister elencar, que a atividade turística pode se fortalecida pelas visitas de campo e se bem administrado, pode oferecer oportunidades de desenvolvimento, pois pode trazer benefícios econômicos para as comunidades

² A Estação Ferroviária da Mogiana de Igaçaba foi inaugurada em 1899.

envolvidas. É relevante a implantação de uma política que vislumbre um planejamento integrado, compreendendo que somente possuir recursos naturais incomparáveis ou potenciais turísticos não é suficiente para que a atividade cresça. Portanto, o turismo educativo/científico só poderá produzir benefícios sociais, econômicos e ambientais se for planejado e gerenciado por profissionais qualificados.

Referências

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

BRAGA, R. B. A (re) significação do conceito de natureza e ambiente no ensino básico: uma reflexão sobre as heranças iluministas e o trabalho de campo como mediação pedagógica. In: CAVALCANTE, L. S.; BUENO, M. A.; SOUZA, V. C. de. **A produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino de geografia**. Goiânia: PUC Goiás, 2011.

BRITO, I. G. **Geologia histórica**. Uberlândia: EdUFU, 2001.

GUERRA, A. T. **Dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

MARQUES, L. M. **A festa em nós: fluxos, coexistências e fé em Santos Reis no Distrito de Martinésia - Uberlândia (MG)**. 2011. 238 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

MOURA, P. S.; SILVA, M. L. Trabalho de campo nas paisagens turísticas do destino Canastra / Minas Gerais. In: SANTOS, J. C. V. (Org.). **Paisagens e destinos turísticos na pesquisa geográfica**. Uberlândia: Composer, 2009. p. 09-26.

OLIVEIRA, F. F.; BUENO, K. F. Estudantes turistas na cidade de Lagoa Santa (Goiás): das águas termais ao relatório de campo. In: SANTOS, J. C. V. (Org.). **Paisagens e destinos turísticos na pesquisa geográfica**. Uberlândia: Composer, 2009. p. 45-56.

SANTOS, J. C. V. **Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano**. 2010. 367 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SANTOS, J. C. V.; MASSOCHINI, L.; FELTRAN FILHO, A.; COSTA, A. G.; ASSUNÇÃO, W. L. Visita ao Deserto do Atacama - Norte do Chile: olhares e percepções geográficas. **UEG em Revista (Revista Científica da UEG / Quirinópolis)**, Quirinópolis, v. 1, n. 6, dez. 2010.

SANTOS, R. J. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n. 21-22, p. 111-125, 1999.

SCHAFFER, N. O. Ler a paisagem, o mapa, o livro - escrever nas linguagens da Geografia. In: NEVES, I. C. B. (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: EdUFRGS, 1999. p. 84-101.

VELOSO, M. P. **Visita técnica: uma investigação acadêmica.** Goiânia: Kelps, 2007.